

ESTABELECENDO AS DIFERENÇAS ENTRE OS TERMOS *REGISTRO E GÊNERO**

Valeria Branco Moreira Pinto dos SANTOS (LAEL-PUC/SP &
FIEO-Osasco)

Abstract

This paper, adapted from an MA thesis (Santos, 1996), discusses theoretical concepts on the definition and usage of both terminologies: register (Halliday, 1978; 1989; 1994) and genre (Swales, 1990). It is an attempt to establish theoretical differences in order to make it easier for the researchers and the teachers to distinguish between both concepts. The bibliographical survey carried out for this article does not bring about clearly-established definitions, but points towards the importance and relevance of both concepts either for academic studies or for pedagogical practice.

Key-words: *register; genre; systemic-functional linguistics; sociosemiotics discourse analysis.*

Resumo

Neste artigo estaremos apresentando e discutindo conceitos teóricos quanto à definição e ao uso dos termos registro (Halliday, 1978; 1989; 1994) e gênero (Swales, 1990), na tentativa de estabelecer características que facilitem a distinção entre um e outro. O levantamento desses conceitos não evidencia definições muito claras, mas aponta para a importância e relevância do uso de ambas as abordagens tanto no contexto acadêmico de pesquisa lingüística, como no contexto pedagógico de prática de ensino.

Palavras-chave: *registro; gênero; lingüística sistêmico-funcional; análise do discurso sócio-semiótica.*

*Adaptação do capítulo teórico da dissertação de mestrado submetida ao programa de Lingüística Aplicada da PUC/SP (Santos, 1996). Para uma versão ampliada na forma de trabalho em progresso consulte Direct Papers # 32. CEPRIL/LAEL/PUC-SP. 1996.

1. Introdução

O ensino de língua estrangeira para fins específicos, da língua inglesa mais especificamente, tem provocado inúmeras mudanças nas abordagens metodológicas em sala de aula. A tendência atual tem demonstrado o uso de materiais didáticos voltados para a descrição e prática dos usos de língua, diretamente ligados à área de atuação profissional do aluno, por exemplo: inglês para secretárias, para turismo, para negócios, para informática, etc. No âmbito desse contexto didático-pedagógico, os lingüistas parecem estar divididos entre os que aplicam o conceito de *registro* em seus estudos, e aqueles que seguem a linha do *gênero do discurso* (Ongstad, 1992). A importância da aplicação de um ou outro conceito é um fato amplamente aceito, contudo as discussões a respeito das diferenças entre ambos parecem incontáveis e pouco conclusivas, deixando muitas dúvidas para aqueles que estão iniciando seus estudos na ciência da linguagem (Lecky-Tarry, 1993: 27).

O objetivo do artigo que se segue é levantar uma discussão quanto ao uso de ambos os termos a fim de diferenciar (evitar confusões/ambigüidades) quanto ao uso e aplicabilidade. Nesta explanação, estaremos tanto definindo como contrastando o uso desses termos. Como recurso prático, dividimos essa discussão teórica em dois itens:

- *abordagem sistêmico-funcional* - nesse item estaremos introduzindo algumas noções básicas que embasam a abordagem lingüística sistêmico-funcional que norteou a pesquisa de mestrado, e na qual os termos *registro* e *gênero* estão inseridos; partindo de Halliday (1967/68,1973,1975, 1976a/b, 1978,1989,1990,1992,1993,1994, & Hasan,1989, & James,1993) e seus seguidores como Eggins (1994), Ghadessy (1993), Leckie-Tarry (1993), Beaugrande (1993), Matthiessen (1993) e Ventola (1983 e 1984).

- *a questão dos termos registro e gênero* - nessa segunda parte estaremos apresentando e discutindo os conceitos que definem tais termos na tentativa de esclarecer melhor a diferença entre ambos; partindo de Halliday (1978,1994, & Hasan, 1989) no que tange à concepção de *registro*, e de Swales (1990, 1992a/b), Ongstad (1992) e de Bhatia (1993a/b) no que se refere a *gênero*.

Outros teóricos também foram pesquisados e serão introduzidos conforme a relevância para o presente estudo¹.

2. A abordagem sistêmico-funcional

O ambiente teórico em que este artigo se insere, denominado por Halliday (1978) Semiótica Social, encontra apoio em teorias lingüísticas que enfatizam a importância do contexto social e cultural na aprendizagem e no desenvolvimento lingüístico de um indivíduo, bem como no uso de sua linguagem.

Neste contexto teórico, as habilidades e estratégias comunicativas são abordadas e analisadas tendo como pano de fundo o contexto sócio-cultural em que ocorrem (Ventola,1984: 275). Dessa forma, o enfoque analítico está na investigação do uso da língua em condições reais de ocorrência (Halliday, 1994: xiii). Para tal, estuda-se e descreve-se a língua a partir de produções textuais autênticas, sejam elas orais e/ou escritas. Esses textos, inseridos em um contexto sócio-cultural, são (a) observados elencando-se as possíveis escolhas lingüísticas formais e (b) contrastados dentro de um sistema de significados ligado à função ou à necessidade social (intenção e sentido) a ser desempenhada (Eggins, 1994: 1; Halliday, 1994: xiv-xv); porque, como coloca Halliday (1978: 19), a língua é o que é porque desempenha funções para os falantes.

¹ Note-se que, dado o escopo desta pesquisa, tivemos que nos restringir quanto aos teóricos consultados, deixando de lado outros teóricos de porte como Bakhtin, Fairclough, Hoey, Martin e Hodge & Kress, entre outros.

O estudo da linguagem sob esse ponto de vista sócio-semiótico, ou sistêmico-funcional, permite que reconheçamos dois aspectos na análise e interpretação de textos:

- 1) a base teórica apóia-se em uma cadeia de sistemas de diferentes possibilidades de realizações;
- 2) as diferentes possibilidades gramaticais de realização estão relacionadas às funções a serem desempenhadas pelo falante (Halliday, 1994: *foreword*).

Além disso, estando a serviço das necessidades sócio-culturais de comunicação humana, a linguagem sofre transformações ao longo da história do homem. Estudar a linguagem a partir de suas realizações concretas permite a identificação dos aspectos formais ou gramaticais que caracterizam esses novos usos porque o texto (oral ou escrito) brota do contexto de uso que, por sua vez, modela o sistema para satisfazer as necessidades humanas de comunicação e que, acaba, por fim, provendo a explicação do “como” e do “uso” de uma língua (Halliday, 1994: xii).

A importância do aspecto social na formação lingüística do ser humano reside na noção de que o contexto da situação, juntamente com o contexto da cultura, limitam e definem as escolhas e as operações lingüísticas (Halliday, 1994: xix) elencadas paradigmaticamente (: vii), em um sistema semântico-lingüístico sócio-semiótico², porque cada escolha lingüística adquire relevância quando comparada às outras opções potenciais que poderiam ter ocorrido (Egins, 1994: 03). O conjunto desses elementos sociais e lingüísticos fornecem ao

² Halliday define sistema da seguinte forma: “A network is a network of options, of choices; (...). Each level is a network of paradigmatic relations, of **ORs** - a range of alternatives, in the sociological sense. This is what I mean by potential: the semantic system is a network of meaning potential. (...) Let me just define it: a system is a set of options, a set of possibilities A,B or C, together with a condition of entry. (...) Now this is what is represented in the network. The network is a representation of options, more particularly of the interrelations among options. Hence, a semantic network is a representation of semantic options, or choices in meaning.” (Halliday,1978:40-41).

falante tanto as condições necessárias para prever um enunciado, quanto para interpretá-lo.

Em relação ao conceito de gramática, Halliday (1992: 356 e 1994) fornece o construto operacional que define esse conceito como um sistema que organiza as funções desempenhadas pelos falantes. Isso significa que o aspecto gramatical desempenha o papel de referente formal das realizações semânticas (função + significado): os termos formais passam a ser observados contextualizadamente no ambiente sócio-cultural (1994: xvi-xvii). Resumindo, uma análise gramatical inserida em um construto sistêmico-funcional estará observando dois aspectos (também Halliday & Hasan, 1989: 23):

- a) o aspecto funcional, ou seja, o que o falante está querendo dizer e significar;
- b) a opção formal/estrutural escolhida pelo falante.

Dessa forma, os itens lingüísticos são entendidos como multifuncionais porque podem desempenhar diferentes funções (necessidade sócio-cultural de comunicação) no cenário das configurações dos agrupamentos estruturais de uma língua (Halliday, 1994: 29-30).

Uma das diferenças que distingue essa análise lingüística de outras é que, por levar em consideração um elenco variado de possibilidades de significado, as realizações formais de língua são observadas do ponto de vista paradigmático e não sintagmático (:xxvii e 15-16).

Nesse ambiente teórico, a relação entre texto e contexto é imprescindível, porque “um só pode ser interpretado com referência ao outro” (Halliday, 1989: vii). O primeiro é definido por Halliday como a realização, em termos lingüísticos, das escolhas léxico-gramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro

de um sistema de potenciais de significados (*'meaning potential'*) (Halliday, 1978: 122). Um texto nunca ocorre isoladamente, pois insere-se em um contexto situacional determinado pelo tipo de situação ou contexto social. O texto, dessa forma, é produto do ambiente e funciona nesse dado ambiente (:136).

Eggins (1994) explicita a relação entre texto e ambiente de ocorrência da seguinte forma:³

(...) context is in text: text carries with it, as a part of it, aspects of the context in which it was produced and, presumably, within which it would be considered appropriate. This example points to an issue which is of particular interest to systemic linguists: the relationship between language and context. (Eggins, 1994: 7)

(...)

Our ability to deduce context from text, to predict when and how language use will vary, and the ambiguity of language removed from its context, all provide evidence that in asking functional questions about language we must focus not just on language, but on language use in context. Describing the impact of context on text has involved systemicists in exploring both what dimensions, and in what ways, context influences language. (:9)

While semantics and discourse make separate contributions to the creation of text (semantic choices determine the lexico-grammatical patterns, and discourse choices determine cohesive patterns), discourse patterns realize the same three kinds of meanings identified as the semantics. (: 112-113)

³ Esclarecemos que embora este artigo esteja escrito em português, estaremos mantendo, por opção, as citações fora do parágrafo na língua inglesa, a fim de que o leitor tenha a oportunidade de ler o texto original no qual nos baseamos e refletir sobre as conclusões aqui apresentadas; já que não há restrições nas normas desta revista quanto à obrigatoriedade da tradução de textos de terceiros.

Ao manter essa relação de interação e inter/ intradependência entre o discurso, que envolve os aspectos da situação, e a semântica (aspectos léxico-gramaticais), a realização textual, dado seu aspecto concreto, passa a ser uma unidade do *discurso*⁴ passível de observação, análise e interpretação.

Resumindo, os construtos teóricos hallidayanos postos acima enfatizam o aspecto social que permeia as escolhas lingüísticas de um indivíduo dentro de um sistema simbólico léxico-gramatical⁵ de uma língua. Em outras palavras, a língua, como sistema, oferece aos seus falantes uma gama de padrões de fala potenciais dentro de um contexto social, que molda e determina essas mesmas escolhas de acordo com a motivação ou, ainda, a função a ser desempenhada.

Para que possam ser concretizados, esses padrões dependem:

- 1) do contexto social;
- 2) da função a ser desempenhada;
- 3) do tipo de relação entre os indivíduos (se simétrica ou assimétrica);
- 4) das características individuais.

As expressões '*meaning potential*' (doravante potencial de significado) e '*behaviour potential*' (doravante potencial de comportamento) definem "o que o ouvinte/falante pode fazer/falar (pode significar) e não o que ele sabe a respeito de uma língua" (Halliday, 1973: 25; 1978: 27-28 e 39). Isso sintetiza a posição da escolha motivada pelo contexto e pela posição sócio-cultural; tendo em vista que a língua é

(...) the ability to 'mean' in the situation types, or social contexts, that are generated by the culture. When we talk

⁴ Dado o escopo deste trabalho não discutiremos esse assunto em maiores detalhes.

⁵ Entendendo essas escolhas léxico-gramaticais como as opções de palavras elencadas em um sistema semântico de língua, sejam elas de cunho contedúístico ou sintático/gramatical, que se remetem ao conceito de registro.

about 'uses of language', we are concerned with the meaning potential that is associated with particular situation types; and we are likely to be especially interested in those which are of some social and cultural significance, (...). The way that we have envisaged the study of language and social man, through the concept of 'meaning potential', might be referred to as a kind of 'sociosemantics', in the sense that it is the study of meaning in a social or sociological framework. (Halliday, 1978: 34)

O potencial de significado será, portanto,

(...) the paradigmatic range of semantic choice that is present in the system, and to which the members of a culture have access in their language, (...) Interpreted in the context of culture, it is the entire semantic system of the language. (...) Interpreted in the context of situation, it is the particular semantic system, or set of subsystems, which is associated with a particular type of situation or social context. (:109).

Dessa forma, o item escolhido, a forma e o lugar fornecem dados para uma análise que extrapola a análise sintática convencional, possibilitando observar diferentes tipos de relações, como por exemplo, de poder/autoridade, presentes em uma interação.

No escopo desses conceitos que associam o meio com as escolhas lingüísticas sem a preocupação com o conhecimento de língua de um indivíduo, mas sim com o que um falante pode significar, a semântica acaba entrando como a função primordial: a de integrar com a finalidade de trocar significados e fazer sentido do mundo e de cada ser (Eggins, 1994: 11).

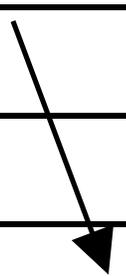
Podemos detectar então, dois elementos que contribuem para uma análise sócio-semiótica:

a) o elemento situacional;

b) o elemento semântico.

No primeiro elemento, encontram-se as variáveis do discurso campo/teor/modo (Halliday, 1978: 110); no segundo, as metafunções ideacional/interpessoal/textual. É possível traçarmos correspondência entre esses subelementos (Halliday, 1978: 116-117), ou seja, detecta-se a metafunção ideacional no elemento campo, a interpessoal no teor, e a textual no modo.

O quadro 1, a seguir, facilita a visualização da relação entre o contexto da situação e a realização textual dentro do construto sócio-semiótico.

SITUAÇÃO: Características do contexto	(realizadas por)	TEXTO: Componentes funcionais do sistema semântico
Campo do discurso (o que está acontecendo)		Significados da experiência (ideacional) (transitividade, denominação, etc.)
Teor do discurso (quem está participando)		Significados interpessoais (modo, modalidade, pessoas, etc.)
Modo do discurso (o papel dado à língua)		Significados textuais (tema, informação, relações de coesão)

Quadro 1: Análise sócio-semiótica - relação entre texto e contexto da situação
(Adaptado de Halliday, 1989: 26)

O sistema semântico apresentado por Halliday (1994) divide-se em três metafunções, as quais englobam todas as possibilidades de escolhas semântico-lingüísticas possíveis para um falante em situações de interação com os outros ou com o mundo. São elas: a ideacional, a interpessoal e a textual.

- a metafunção ideacional está relacionada com a natureza do evento social, i. e., com "a expressão do conteúdo de acordo com a experiência do falante inserido em uma comunidade de fala" (Halliday, 1973: 37);
- a metafunção interpessoal, com o papel desempenhado e o status ocupado pelos participantes, ou seja, com "a expressão das relações sociais e pessoais" dos papéis desempenhados nas interações;
- a metafunção textual, com o "cumprimento das exigências de operacionalidade de uma língua" (:42), ou seja, com o papel da linguagem, com quais escolhas lingüísticas a mensagem está sendo construída e organizada dentro de um sistema determinado pelo contexto e pela intenção do autor.

Além do texto (*'what people mean'*) e do sistema semântico (*'what people can mean'*) (Halliday, 1978: 114) há ainda o sistema léxico-gramatical que atua na "organização interna da língua, sendo o sistema de relações das formas lingüísticas" (Halliday, 1978: 43).

No sistema léxico-gramatical, a metafunção ideacional manifesta-se através do sistema da transitividade e enfoca a escolha dos processos verbais juntamente com a escolha dos participantes desses mesmos processos. Essas escolhas refletem as representações de mundo de um falante.

A metafunção interpessoal concretiza-se no sistema de modo e modalidade, refletindo o engajamento e o envolvimento do falante com a asserção e com os participantes da interação.

Finalmente, a metafunção textual, através do sistema tema-remata, i.e., o lugar que a mensagem ocupa, reflete a importância ou

o realce de uma dada informação (nova ou já conhecida) na posição que esta ocupa na sentença⁶.

Concluindo, uma análise gramatical de fundamento sistêmico-funcional permite que levantemos hipóteses a respeito das intenções e motivações que geraram a escolha de um item lingüístico léxico-gramatical em detrimento de outro, em um contexto sócio-cultural específico, já que, em última análise, a língua está a serviço das funções a serem desempenhadas e significadas pelo indivíduo em seu contexto social (Halliday, 1973: 22). O contexto social poderá levar à escolha lingüística apropriada para esta ou aquela situação de interação, seja ela oral ou escrita (:25). Além disso, por estar também privilegiando aspectos do significado, o levantamento e a descrição gramatical de um texto, em um contexto de análise sistêmico-funcional, pode levar à interpretação da sua função semântica (Halliday, 1994: xx).

Passemos agora para a contextualização desses conceitos teóricos no que tange aos aspectos mais específicos de registro e de gênero.

3. A questão dos termos *registro* e *gênero*

Neste item discutiremos dois aspectos importantes em uma análise sistêmico-funcional, preocupada com o contexto semântico no qual uma manifestação lingüística ocorre: o aspecto do registro e o aspecto do gênero.

Para efeitos práticos, estaremos discutindo, a seguir, a respeito da distinção entre os termos em três sub-itens:

- a) *conceito de registro a partir de Halliday*, que tratará do contexto da situação que operacionaliza o levantamento desse conceito;

⁶ O componente textual apresenta ainda a função de tornar possível as outras duas porque as metafunções ideacional e interpessoal apenas acontecem quando em combinação com os elementos textuais (Halliday, 1978:113).

- b) *conceito de gênero a partir de Swales*, que versará sobre o contexto da cultura que oferece subsídios para a caracterização genérica de um texto.
- c) *registro vs gênero*, que contrastará diferentes definições dos termos.

3.a. O conceito de *registro* a partir de Halliday

Como mencionado anteriormente, o elemento situacional caracteriza o ambiente do texto e está relacionado às variáveis ideacional, interpessoal e textual que compõem o sistema semântico com todas as suas irregularidades, desarmonias e tensões características (Halliday, 1978: 125-126). A combinação desses dois elementos - o aspecto situacional e o aspecto semântico - irá determinar o registro ou a gama de potências de significado característicos de uma dada situação. O registro, por sua vez, é realizado através da estrutura léxico-gramatical, identificada em um texto que engloba as três variáveis gramaticais da transitividade, do modo e do tema (Eggins, 1994: 78) e que se estrutura como o resultado concreto de uma interação social.

É sob a ótica da lingüística sistêmica, (a) que relaciona o contexto social e sua influência na produção escrita e (b) na qual texto e contexto (da situação) estão intimamente ligados, que Halliday introduz a noção de registro para descrever “a relação estreita da língua com o propósito socialmente criado para usá-la” (Halliday, 1989: vii.).

Em sua explanação contrastiva entre a linguagem oral e a escrita, Halliday (:44) descreve registro dentro do que denomina “o princípio da variação funcional” que “assegura que a linguagem escrita e a linguagem oral nunca serão totalmente iguais”. Para o autor, existem dois tipos de variação em uma língua (esteja ela no modo oral ou escrito): as variações social e funcional. O dialeto é o representante do aspecto social, porque o falante “origina-se de ou escolheu residir em uma região em particular, pertence a uma classe social, a uma casta, ou a um grupo etário, etc.

O termo registro, por sua vez, representa o conceito de variação funcional pelo fato de estar relacionado ou determinado pelo objetivo da fala ou da escrita no momento exato de uso (:44).

Ou ainda, mais especificamente, pode-se definir como:

(...) a variety according to use. In other words, the register is what you are speaking at the time, depending on what you are doing and the nature of the activity in which the language is functioning. (...) The register reflects another aspect of the social order, that of social processes, the different types of social activity that people commonly engage in. (Halliday & Hasan, 1989: 41)

No processo de definição desse conceito, Halliday (1978) declara ainda que registro

(...) is the semantic variety of which a text may be regarded as an instance.

(...) A register can be defined as the configuration of semantic resources that the member of a culture typically associates with a situation type. It is the meaning potential that is accessible in a given social context. (...) Since these options are realized in the form of grammar and vocabulary, the register is recognizable as a particular selection of words and structures. But it is defined in terms of meanings; it is not an aggregate of conventional forms of expression superposed on some underlying content by 'social factors' of one kind or another. It is the selection of meanings that constitutes the variety to which a text belongs. (:110-111)

Resumindo, o dialeto está relacionado ao usuário/falante e registro ao uso, sendo que o último ainda pode estar ligado não só a opções semântico-lingüísticas mais abertas, mas também a formas mais restritas ou mesmo fixas, uma vez que podemos identificar registros que apresentam leques de opções de potenciais de

significado fixas ou, até mesmo, finitas, enquanto que, em outros, a gama de possibilidades é maior (Halliday & Hasan, 1989: 39).

No que tange à relação entre texto e contexto, Halliday afirma que ambos são “aspectos do mesmo processo” (Halliday & Hasan, 1989: 05), existindo um outro texto (*‘con-text’*) que acompanha o próprio texto que, por sua vez supõe o ambiente lingüístico (contexto da situação) - com manifestações verbais e não-verbais - no qual aquele texto está acontecendo e funcionando como “uma ponte entre o texto e a situação na qual os textos estão realmente acontecendo” (:05), porque:

The context of culture determines the nature of the code. As a language is manifested through its texts, a culture is manifested through its situations; so by attending to text-in-situation a child construes the code, and by using the code to interpret text he construes the culture. Thus for the individual, the code engenders the culture; and this gives a powerful inertia to the transmission process. (Halliday, 1994: xxxi)

Assim, a observação do contexto da situação torna-se um fator imprescindível para a análise e interpretação de um texto (Halliday & Hasan, 1989: 05-07).

Halliday apóia-se, ainda, na premissa de que as pessoas se entendem porque fazem previsões baseadas no contexto da situação e “adivinham” o que está para ser enunciado (:05-07). Lembremo-nos de que o levantamento do contexto da situação favorece a previsão e a análise interpretativa do(s) significado(s) de uma manifestação lingüística (Halliday, 1978: 62), porque:

The situation in which linguistic interaction takes place gives the participants a great deal of information about the meanings that are being exchanged, and the meanings that are likely to be exchanged. And the kind of description or interpretation of the context of situation that is going to be most adequate for the linguist is one that characterises it in those terms; that is, in terms that enable him or her to

make predictions about the meanings, of a kind that will help to explain how people interact. (Halliday & Hasan, 1989: 10)

Essas características particulares configuradas no campo, teor e modo (mencionados anteriormente) fazem parte de um contexto mais amplo, identificado como o contexto da cultura, que está estampado no contexto da situação, através das escolhas lingüísticas.

Vale a pena ressaltar que, embora esse conceito esteja ligado ao contexto da situação, e que, por sua vez, faz referências às características léxico-gramaticais, o estudo de registro não se restringe ao levantamento de vocabulário técnico e das estruturas genéricas. Estudar o registro implica em observar uma dimensão maior, independente da variação lexical apenas, como afirma Matthiessen (1993):

(...) the theory would not support equating a register with a particular technical vocabulary - it would include other aspects that are variable across context types such as generic structure and 'micro-semantic styles'. Similarly, the theory would not support equating a register with a particular macro-structure or generic structure and 'micro-semantic' realizations of the generic stages of a text, the nature of the semantic system, and so on. A register may be characterized by special lexicogrammatical features; it may even have phonological (...) or graphological characteristics. (:242)

Não existe um modelo a seguir para essa caracterização, aponta Halliday, mas as características culturais não devem ser esquecidas no momento da interpretação de um texto (Halliday & Hasan, 1989: 46).

Como pode ser verificado, Halliday descreve os critérios e as variáveis que podem contribuir para o levantamento de diferentes registros possíveis de serem encontrados em uma língua,

em contextos sociais de uso, trabalhando apenas com a previsibilidade que a identificação do contexto de cultura (no âmbito mais geral) e do contexto de situação (no âmbito mais restrito do uso) podem contribuir para a interpretação. Ele trabalha com a previsibilidade, em oposição à generalidade e às padronizações que certas atividades sociais podem produzir. Em consequência disso, não apresenta critérios para a operacionalidade no nível estrutural ou esquemático; limita-se a admitir que existem ‘*classes of texts*’ porque “para qualquer texto dado, haverá outros que se parecem com o mesmo mais de perto”, e acrescenta que o reconhecimento dessas semelhanças indica que esses textos pertencem a um mesmo registro (Halliday & Hasan, 1989: 42).

3.b. O conceito de gênero a partir de Swales

Swales (1990: 08-09) defende a abordagem do ensino de gênero como um recurso para uma melhor compreensão dos aspectos intelectuais e esquemáticos que contribuem para que um determinado discurso⁷ aconteça em sua prática. Em seu trabalho, verifica-se, como uma de suas preocupações e objetivos principais, capacitar seus alunos, na maioria das vezes falantes de inglês como língua estrangeira, a competir tanto em suas áreas específicas como no mercado de trabalho, em pé de igualdade com falantes nativos do inglês. Dessa forma, o autor justifica a aplicabilidade do conceito teórico de gênero às necessidades profissionais e acadêmicas de comunicação dos usuários de uma língua estrangeira.

Acrescenta, ainda, que são necessários três elementos-chave que, ao se interligarem, contribuem para que o propósito comunicativo de uma determinada manifestação discursiva seja realizado:

⁷ Da mesma forma que Halliday, Swales não define explicitamente o que entende por *discurso*. Entretanto, ao denominar o grupo de indivíduos que desempenham atividades ocupacionais e/ou recreativas (Swales,1992b:08) de *Comunidade Discursiva* leva-nos a relacionar o conceito abstrato de *discurso* às atividades lingüísticas convencionalizadas por essa comunidade que inclui o contexto sócio-profissional e os resultados escritos ou orais (Swales,1990:21-23). Talvez esta constatação explique a tendência de Swales de sempre relacionar *discurso* a alguma comunidade como por exemplo, o discurso acadêmico, o discurso científico, etc.

Comunidade Discursiva (*Discourse Community*), Gênero (*Genre*) e Tarefa (*Task*) (Swales, 1990: 09-10).

O traço de união desses três elementos é o propósito comunicativo - um critério privilegiado – que, segundo o autor,

(...) drives the language activities of the discourse community; it is communicative purpose that is the prototypical criterion for genre identity, and it is communicative purpose that operates as the primary determinant of task. (:10)

Retomando, Swales chama a atenção para o propósito comunicativo compartilhado por um determinado grupo denominado comunidade discursiva. Enfatiza ainda o aspecto de grupo ou de comunidade inerente ao conceito e à configuração de um gênero. Finalmente, declara que é através de atividades-tarefa que o gênero pode ser adquirido e apreendido.

Dentro desse quadro, no qual o propósito comunicativo permeia o conceito, Swales constrói sua definição de gênero da seguinte forma:

Genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and there by constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre

names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation. (Swales, 1990: 58)

Como pode ser verificado, para Swales o conceito de gênero privilegia o caráter/propósito comunicativo de uma situação, suas convenções e regras lingüísticas e discursivas compartilhadas pela comunidade discursiva que convive, atua e interage em uma dada situação, dominando gêneros do discurso articulado e intencionado (a quem se destina: público-alvo) por ela mesma. Uma vez configuradas as expectativas, uma manifestação genérica pode ser considerada como prototípica pela comunidade geradora. Lembrando que:

Prototypes are not rules in a traditional sense. They never create the same utterance, because the “world” in which the utterance is uttered is constantly new, and because the semiosis constantly kneads and changes the use of signs, and because there is no 100% agreement in the discourse community on the details of the norm. (Ongstad, 1992: 13)

Levantar uma manifestação textual (oral ou escrita) como um gênero, então, consiste em levantar as características sócio-culturais e lingüísticas que regulam a forma, o conteúdo e as escolhas léxico-gramaticais que o compõem e que são desempenhadas por uma comunidade discursiva específica, identificada e descrita.

Note-se que Swales (1990) não define claramente o termo *texto*. Entretanto, a citação abaixo pode contribuir para uma melhor compreensão do que o autor entende por *texto* em relação ao conceito, mais abstrato e generalizador, de gênero.

Since genre study is commonly identified with the analysis of texts, it would be useful, at an early juncture, to clarify that I propose to view genres as rather more than texts. While it remains necessary to use texts in order to

understand how texts organize themselves informationally and stylistically, textual knowledge remains generally insufficient for a full account of genre. (Swales, 1990: 06)

Ongstad (1992) simplifica a diferença entre gênero e texto da seguinte forma:

Genre then will not be used as a concept for classification of types of concrete utterances. Genre is seen as a kind of “la langue”-category, it belongs to the “system”. As to verbal language or related communicative forms, this means that genres are the norms through which texts are generated as text. If we stage this to its extreme form, we can say that a concrete (uttered) text never can be a genre. Genre is immanent as “sentence” and “morpheme”. These concepts belong to our ideas of language, its nature, its characteristics as system. (...). We think that semiotics/semiology is dependent on a relatively stringent description of the system (Halliday, 1985). But the development of a “community of meanings” and the process of “differentiation of meanings” ought to be considered as parallel and integrated processes. The one does not exclude the other. On the contrary they confirm, develop and maintain each other. (:05-06)

Vale a pena também notar que Swales preocupa-se com a distinção entre os termos *comunidade de fala* e *comunidade discursiva*; ele relaciona a primeira ao lugar de origem e a segunda às atividades ocupacionais e recreativas dos falantes de uma língua (Swales, 1992a: 08). O quadro 2, a seguir, apresenta os critérios que definem comunidade discursiva.

Para que o conceito de gênero seja concretizado, é preciso identificar as diferentes partes que formam a estrutura genérica partindo-se da produção textual final, e não de previsões como na abordagem hallidayana de registro.

1. tendo um conjunto de propósitos reconhecíveis;
2. apresentando mecanismos de intercomunicação entre os seus membros;
3. utilizando uma seleção de gêneros em evolução tanto para o avanço do conjunto de propósitos como para a legitimação dos mecanismos participatórios;
4. adquirindo e continuamente procurando pela terminologia específica da comunidade discursiva;
5. apresentando uma estrutura hierárquica, explícita ou implícita, que controla os processos de entrada e desenvolvimento na comunidade discursiva.

Quadro 2: **Crítérios para definição de comunidades discursivas**
(Adaptado de Swales, 1992a: 10-11)

As partes que formam a estrutura genérica podem obter diferentes denominações de acordo com a linha de pesquisa adotada. Hasan (Halliday & Hasan, 1989), por exemplo, operacionaliza a Configuração Contextual através da identificação do que chama de '*Elemento*', que caracteriza-se por ser "um estágio com conseqüências na evolução de um texto" (:56).

Outro termo também utilizado em análises de gênero para denominar esses "estágios" é '*Moves*' (doravante movimentos). Sinclair & Coulthard (1992), no artigo em que descrevem e analisam o discurso ou a linguagem no decorrer de aulas, utilizam-se desse termo - movimento - como um dos estágios hierárquicos do discurso que desempenha uma função, comparando-o às palavras e morfemas na gramática; movimento seria, portanto, a menor unidade independente apesar de apresentar uma estrutura em termos de atos (Sinclair & Coulthard, 1992: 04). Encontramos ainda o uso dos termos '*Função*' e '*Sub-funções*' (como, por exemplo, em Bhatia, 1993a e b, Thompson, 1994 e Santos, 1996), que dada sua definição funcional de uso, são auto-explanatórios.

Swales (1990) utiliza o termo movimento, mas não se refere explicitamente a definições anteriores. Limita-se a identificar os movimentos como "diferentes seções que desempenham diferentes funções retóricas" (:136). A leitura de

Swales indica que os movimentos são, nos limites de um texto, blocos discursivos obrigatórios, organizados a partir da função retórica a ser desempenhada (:136).

Esses movimentos, por sua vez, podem ser subdivididos em ‘*Steps*’ (doravante passos) que são, no caso, discricionários (arbitrários/opcionais) (:48). Este conjunto de movimentos e passos constitui os elementos ou blocos menores que configuram as características ou marcas do discurso num dado gênero moldado pelo propósito comunicativo geral.

Dentre os vários autores que discutem Swales, Bhatia (1993a) tece o seguinte comentário a respeito dos termos movimento e passo:

Just as each genre has a communicative purpose that it tends to serve, similarly, each move also serves a typical communicative intention which is always subservient to the overall communicative purpose of the genre. In order to realize a particular communicative intention at the level of a move, an individual writer may use different rhetorical strategies. (:30)

Será aqui utilizada a expressão “estratégias retóricas”, mencionada na citação acima, como os passos caracterizados por Swales e, sendo esses últimos opcionais, citamos Bhatia na tentativa de explicitar melhor o conceito de opcional:

These strategies, (...), are essentially of non-discriminative type and in principle, one can add to the list of strategies one wishes to use at this level by being innovative. (:31)

A identificação dos blocos funcionais no texto configura a estrutura genérica de uma manifestação textual ligada à comunidade discursiva e ao propósito comum compartilhado.

Através de um estudo detalhado e do levantamento dos blocos retóricos funcionais de introduções de artigos de pesquisa,

Swales chegou aos resultados quanto à organização textual ou estrutura genérica obrigatória e opcional dessas introduções (cf. Swales, 1990: 141, figura 10), denominada CARS - ‘*Create a Research Space*’.

Conquanto não estejam explicitamente definidos os conceitos de movimento e passo, tais termos têm sido utilizados, e com sucesso, em estudos que procuram explicitar as características de diferentes gêneros do discurso.

O próprio estudo desenvolvido por Swales (1990) é um ótimo exemplo do uso desses termos. Contudo, vale a pena ressaltar que não devemos encarar essa abordagem da procura por traços recorrentes como uma busca de padrões normativos, mas sim como uma procura contínua das tendências operacionais de comunicação de um evento comunicativo pela comunidade comunicativa (Swales, 1990: 45; Bhatia, 1993a: 182).

Vários estudos quanto ao gênero, bem como a análise do corpus de cartas comerciais de negociação desenvolvida em Santos (1996), apontam para o fato de que não é sensato apoiar-se na identificação de itens léxico-gramaticais ou nos sinais de pontuação de um texto (Paltridge, 1994). Em muitos casos, é possível identificar um único item lingüístico desempenhando diferentes funções. Dessa forma, parece mais adequado adotar-se o critério contedúístico-funcional como delimitador das funções retóricas. Esse critério leva em consideração:

- a) o conteúdo a ser transmitido;
- b) a função a ser desempenhada;
- c) a intenção do autor que subjaz à mensagem.

Os aspectos formais e estruturais são identificados a partir da identificação prévia desses critérios, como afirma Bhatia, que os considera

(...) fairly reliable indicators of discoursal values in a majority of discourse contexts, the ultimate criteria for

assigning discourse values to various moves is functional rather than formal. (Bhatia, 1993a: 87)

Todos os critérios para classificação de comunidade discursiva também devem ser considerados. Entretanto, gostaríamos de salientar que os critérios apontados e revisados por Swales (1990: 24-32, 1992a: 10-11) para determinação da comunidade discursiva nem sempre se aplicam, na totalidade, para todas as manifestações comunicativas. Um exemplo dessa afirmação é o levantamento feito por Bhatia (1993b) de cartas de promoção: a fim de poder caracterizar essas cartas como um gênero, o autor privilegiou o propósito comunicativo compartilhado, desconsiderando o aspecto de comunidade discursiva - fato esse que não afetou a sua argumentação quanto à explanação do gênero levantado.

Bhatia (1993a/b), ao discutir a noção de gênero desenvolvida por Swales não a restringe ao conceito de comunidade discursiva e apresenta sete passos que devem ser seguidos para o levantamento de gêneros desconhecidos, (Bhatia, 1993a: 22-36) que são:

1. posicionar o texto-gênero dado em um contexto situacional;
2. levantar a literatura existente;
3. refinar a análise situacional/contextual;
4. selecionar o corpus;
5. estudar o contexto institucional;
6. definir os níveis da análise lingüística;
7. obter informação do especialista em análise de gênero.

Quadro 3: **Sugestões para análise de gêneros desconhecidos**
(Adaptado de Bhatia, 1993a: 22-36)

Para desenvolver sua análise, Bhatia (1993b) concentra-se no propósito comunicativo comum compartilhado pelos autores de duas cartas de promoção: o de promover e o de persuadir. Uma das cartas é de promoção de vendas e procura promover como produto um curso de treinamento em finanças para gerentes; já a outra,

compreende pedido de emprego e faz promoção (tendo em vista que valoriza as qualidades e características de uma pessoa) de um candidato a uma vaga de professor de inglês em uma universidade. No primeiro exemplo, um produto ou serviço é promovido, enquanto que, no segundo exemplo, a própria pessoa é que se promove.

Bhatia assinala ainda que a diferença básica entre os dois tipos de cartas é o tipo de motivação que as gera. Enquanto a carta de pedido de emprego é uma resposta a um anúncio, a carta de promoção de vendas não foi requisitada pelo destinatário.

No corpus estudado por Bhatia, o que marca e define essas cartas, como caracterizadoras de um gênero, é unicamente o propósito comunicativo compartilhado pelos indivíduos ao desempenharem os papéis definidos e pré-moldados em interações ou em eventos comunicativos, neste caso, o de promover algo ou alguém.

O caráter de regularidade nos encontros/atividades/ eventos comunicativos sociais conferido ao conceito de comunidade discursiva (revisto posteriormente em Swales, 1992b: 17-21) não é considerado por Bhatia, pois o tipo de carta analisado não prevê como obrigatório o conhecimento prévio ou a posteriori dos envolvidos, e nem a regularidade nos encontros entre as partes.

In order to look for a principled criterion for identifying move-structure, let us first consider one of the fundamental principles of genre analysis, in fact of all kinds of discourse analysis - that the focus of analysis be on the functional rather than the formal characteristics of linguistic data. (Bhatia, 1993a: 86)

A definição de Ongstad (1992) resume e complementa as definições supracitadas:

A genre belongs to an immanent genre system and functions as superior available process pattern for

communication in a given society. The patterns are a mutually defined dynamic triade between structuring (the form), referring (the content) and acting (the “function”) and operates on all stages in the processe when uttering. (:24)

E chama a atenção para o fato de que abordagens pedagógicas orientadas na forma lingüística isolada é uma das grandes barreiras contra o despontamento de pedagogias mais holísticas (:24-25), na qual o conceito de gênero está inserido.

Para a observação do contexto e a caracterização dos participantes de um evento, as variáveis do discurso, campo/teor/modo, apresentadas por Halliday parecem ser mais abrangentes. Por estarem diretamente ligadas ao contexto e não à comunidade usuária, oferecem critérios para aplicação mais apropriados a toda e qualquer situação de comunicação (1978,1994; & Hasan, 1989). O trabalho desenvolvido por Hasan (Halliday & Hasan, 1989) exemplifica bem essa idéia.

Hasan, seguindo a tradição hallidayana, não define explicitamente o termo gênero, mas oferece subsídios para sua operacionalidade e o exemplifica, analisando um corpus de linguagem oral em termos do que chama “unidade de estrutura” e “unidade de textura”, ou ainda, “estrutura genérica do texto” e “elemento da estrutura textual” (:52-53).

Da mesma forma que Halliday, Hasan (:54) recorre à noção de contexto da cultura de Malinowski (1967) e cita Ventola (1979) quando discorre a respeito das formas definidas das estruturas globais de certas mensagens, afirmando existir

(...) a wide range of genres, varying in the extent to which the global structure of their message form appears to have a definite shape. (:54.)

Para descrever o uso da linguagem oral, a autora oferece suporte para “a parceria intensa entre linguagem e a subsistência

pela vida” (:54), utilizando-se das variáveis do discurso descritas por Halliday (campo, teor, e modo) pelo fato de que “os mesmos referem-se a certos aspectos de nossas situações sociais que sempre interferem na linguagem quando em uso” (:55), e apresenta o conceito do que denomina Configuração Contextual (doravante CC), que trata do conjunto das características sociais específicas que permitem levantar previsões a respeito de como as três variáveis do discurso acontecem em um texto (Halliday & Hasan, 1989: 56).

Através do levantamento das CCs de um texto, um indivíduo ou pesquisador é capaz de prever elementos lingüísticos possíveis de ocorrerem em uma estrutura textual (:55-56), como apresentamos no quadro 4, a seguir:

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>quais</i> elementos <i>devem</i> ocorrer; 2. <i>quais</i> elementos <i>podem</i> ocorrer; 3. <i>onde</i> <i>devem</i> ocorrer; 4. <i>onde</i> <i>podem</i> ocorrer; 5. <i>com que frequência</i> podem ocorrer. |
|---|

Quadro 4: **Elementos de possível ocorrência em uma estrutura textual**
(Tradução Livre de Halliday & Hasan, 1989: 56)

Uma vez levantados esses elementos, é possível identificar os elementos obrigatórios (1 acima) e os opcionais (2), bem como a seqüência (3 e 4) e a iteração, ou re-ocorrências, (5) de uma estrutura textual (:56). Sendo que:

(...) the obligatory elements define the genre to which a text belongs; and the appearance of all of these elements in a specific order corresponds to our perception of whether the text is complete or incomplete.

(...)

By definition, an optional element is one that can occur but is not obliged to occur. The conditions under which there is a high probability of its occurrence can be stated.

(:56.)

Como trabalha com o aspecto de previsão antes de analisar um texto, a autora levanta, primeiramente, o que denomina a estrutura potencial ou a estrutura genérica potencial. O resultado final obtido dessa análise é chamado de estrutura real ou verdadeira (*'actual structure'*) (:64).

Partindo dos autores tratados nesta seção, podemos resumir que a caracterização dos padrões genéricos de um texto pode optar entre duas vertentes: uma partindo de Swales, e outra partindo da abordagem sistêmico-funcional – aqui representada por Hasan.

Na primeira vertente de análise, o traço descritivo marcante que desencadeia a operacionalidade do gênero é o propósito comunicativo. Este, por sua vez, apóia-se na descrição da comunidade discursiva – que desempenha a comunicação em um evento, no levantamento dos traços genéricos que configuram o padrão lingüístico preferencial desta comunidade e, por fim, na execução da tarefa⁸. Contudo, estudos mais recentes como, por exemplo, Bhatia (1993b), têm apresentado estudos genéricos que privilegiam um aspecto em detrimento dos demais; trazendo novas possibilidades de análise, caracterização e interpretação de um gênero.

Hasan, por sua vez, traz para discussão a questão da previsão baseada na observação da situação social em que uma manifestação lingüística ocorre. A descrição dessa situação social parte da caracterização das variáveis do discurso (campo, teor e modo) o que leva ao levantamento do possível padrão de ocorrência (inclui escolhas lingüísticas e sequência dessas escolhas) da estrutura textual tanto no nível da obrigatoriedade quanto da possibilidade. Só então, o texto final é estudado. Como exemplo de trabalhos desenvolvidos dentro dessa perspectiva citamos Ghadessy (1993).

⁸ O aspecto da Tarefa não está detalhado neste artigo, mas justifica sua menção dado que Swales (1990) apresenta preocupações pedagógicas em seu trabalho.

3.c. *Registro vs gênero*

Halliday (1978) traça uma diferença entre os conceitos de registro e gênero, ligando o primeiro ao código⁹ e ao contexto da situação como um todo, e o segundo ao modo do discurso (:62-63), ou seja, às características/ estruturas textuais¹⁰.

Quanto a registro, o autor coloca que:

The categories of field, tenor and mode are thus determinants and not components of speaking; collectively they serve to predict text, via the intermediary of the code, or (since 'code' has been used in a number of different senses) to predict what is called the register (...). These concepts are intended to make explicit the means whereby the observer can derive, from the speech situation, not the text itself, of course, but certain systematic norms governing the particulars of the text. These norms, taken together, constitute the register. In other words, the various subcategories of field, tenor and mode have associated with them typical semantic patterns (...); so that if for a given instance of language use the features can be specified by derivation from them.(...) Thus the 'register' concept provides a means of investigating the linguistic foundations of everyday social interaction, from an angle that is complementary to the ethnomethodological one (Halliday, 1978: 62)

Quanto ao gênero, afirma o seguinte:

⁹ Os códigos são princípios semióticos abstratos que, uma vez organizados governam as escolhas entre os falantes. São determinados socialmente e determinam o *registro* de acordo com o contexto da situação (Halliday, 1978:67). Ou ainda: “*The codes control the semantic styles of the culture. Codes are not varieties of language, as dialects and registers are. The codes are, so to speak, 'above' the linguistic system; they are types of social semiotic, or symbolic orders of meaning generated by the social system. The code is actualized in language through the register, since it determines the semantic orientation of speakers in particular social contexts; (...) When the semantic systems of the language are activated by the situational determinants of text - the field, tenor and mode - this process is regulated by the codes.*”(111)

¹⁰ Este elemento do discurso será discutido mais adiante.

In order to give a complete characterization of texture, we should have to make reference also to 'generic' structure, the form that a text has as a property of its genre.

(...)

The generic structure is outside the linguistic system; it is language as the projection of a higher-level semiotic structure. It is not simply a feature of literary genres; there is a generic structure in all discourse, including the most informal spontaneous conversation (...). The concept of generic structure can be brought within the general framework of the concept of register, the semantic patterning that is characteristically associated with the 'context of situation' of a text. (:134-135)

O principal traço que parece distinguir gênero de registro, para Halliday, é o fato de que o primeiro está situado fora do sistema lingüístico; como se fosse a projeção de uma estrutura semiótica de nível superior, porque todo e qualquer discurso contém uma estrutura genérica. Contudo, é possível enquadrar-se o conceito de gênero (ou de estrutura genérica) dentro do padrão semântico do conceito de registro, no que concerne o 'conceito da situação' de um texto. Dessa forma, registro parece conter gênero, embora o mesmo não pertença à análise lingüística de registro. Essa distinção pode ser aplicada tanto para a modalidade oral quanto para a escrita.

No contexto social da situação, três variáveis contribuem para a diferenciação entre a linguagem oral e a escrita (Halliday, 1978: 62) e para a determinação ou configuração dos padrões semânticos, léxico-gramaticais e fonológicos que identificam um registro: campo (o que está acontecendo), teor (quem está participando), e modo (que papel a língua/linguagem está desempenhando) (Halliday, 1989: 44; Halliday & Hasan, 1989: 38-39 e 41-42), o que é reforçado pela configuração dos significados associada à configuração situacional.

Eggins (1994), por sua vez, argumenta que dentro da abordagem sistêmica, que tem como objetivo explorar "o uso da

língua em contexto” (:09), são as teorias de gênero e de registro que lidam com o impacto causado pelo contexto, as dimensões desse impacto, e como esse impacto é manifestado nas escolhas lingüísticas da seguinte forma:

Register theory describes the impact of dimensions of the immediate context of situation of a language event on the way language is used. Three key dimensions of the situations are identified as having significant and predictable impacts on language use. These three dimensions, the register variables of mode (amount of feedback and role of language), tenor (role relations of power and solidarity) and field (topic or focus of the activity), are used to explain our intuitive understanding that we will not use language in the same way to write or to speak (mode variation), to talk to our boss as to talk to our lover (tenor variation), and to talk about linguistics as to talk about jogging (field variation).

The concept of genre is used to describe the impact of the context of culture on language, by exploring the staged, step-by-step structure cultures institutionalize as ways of achieving goals. (Eggins, 1994: 09).

A explanação sobre gênero que Eggins apresenta tem suas origens em Martin (1984,1985), Hasan (1989) e Ventola (1987)¹¹. A fim de ilustrar a teoria de gênero, a autora apresenta um texto, em linguagem oral, que relata o ato de apostar, e descreve o contexto cultural, e a atividade social que contextualizam esse texto dentro das três variáveis apresentadas por Halliday, seguida pela descrição do contexto da cultura que nada mais é do que “o propósito geral ou a função da interação” (:26). Por fim, delimita esse texto em estágios, com seus rótulos funcionais que define como “aqueles turnos ou grupos de turnos que satisfazem uma função pertinente ao todo” (:28), e que acabam por caracterizar o gênero de um texto (:30).

¹¹ Os autores citados estão resenhados no capítulo no qual Eggins trata do contexto de cultura: gênero (1994:25-48).

E apresenta como diferença entre os dois termos o nível de abstração de cada conceito:

(...) genre and register are at two different levels of abstraction. Genre, or context of culture, can be seen as more abstract, more general - we can recognize a particular genre even if we are not sure exactly what the situational context is.

Genre, then, can be thought of as the general framework that gives purpose to interactions of particular types, adaptable to the many specific contexts of situation that they get used in. (:32)

A autora distingue ainda mais claramente essas diferenças quando relaciona os dois termos com a linguagem e afirma que gênero

(...) is one of two levels of context we are recognizing; that the context of culture (genre) is more abstract, more general, than the context of situation (register): that genres are realized (encoded) through language; that this process of realizing genres in language is mediated through the realization of register. (:34)

Ao relacionar registro ao contexto da situação, a autora permite-nos a interpretação de que o contexto imediato também causa impacto nas dimensões das escolhas lingüísticas por estar relacionando os participantes, o assunto do texto, e o papel da linguagem no evento (:50).

Para levantar-se o registro é preciso descrever as variáveis do contexto exemplificadas por Halliday, porque “apenas essas três causam um impacto significativo e direto no tipo de linguagem que será produzido” (:53). Essa declaração confere ao termo sua relação com a escolha léxico-gramatical que pode ser melhor entendida ao se comparar diferentes textos escritos para diferentes públicos-alvo a respeito do mesmo assunto. A escolha das palavras, juntamente com as formas gramaticais, favorecem a

conciliação entre o texto e seus leitores. Nas situações citadas, a preocupação está no uso da língua. No caso do gênero, existe uma estrutura esquematizada envolvida e, no caso de registro, o enfoque é na linguagem usada (Eggins, 1994: 49-50).

Swales (1990) também coloca a dificuldade em definir claramente os mesmos conceitos e aponta para o fato de que o registro:

1. (...) *or functional language variation, is 'a contextual category correlating groupings of linguistic features with recurrent situational features* (Gregory and Carroll, 1978: 04 apud Swales, 1990: 40).
2. [*imposes*] *constraints at the linguistic levels of vocabulary and syntax, whereas genre constraints operate at the level of discourse structure* (:41).
3. (...) *is self-evidently a key-element in an early lexicogrammatic tradition of variety characterization and genre a key-element in later work on situated discourse.* (Swales, 1992b: 04)

Leckie-Tarry (1993: 26-42) avalia a posição de Swales e contribui para a distinção entre os dois termos baseando-se na pressuposição de que o termo registro

(...) is associated with an emphasis on linguistic structure at the expense of contextual features and thus prefers to employ the concept of genre. He claims that studies in genre analysis 'differ from traditional register or sub-register analysis in the importance they attach to communicative purposes within a communicative setting'. For him, genres place an emphasis on communicative purpose which he feels is lacking in traditional views of language teaching. (:38)

Finalmente, Bhatia (1993a) relaciona registro aos aspectos estatísticos das opções léxico-gramaticais (:05-06) e gênero à combinação dos aspectos sócio-culturais e psicolinguísticos de

construção de texto e de interpretação com base lingüística (:11). Aponta para as carências que uma análise de registro apresenta, na qual

Most of these studies are of great importance in linguistics because they tend to associate certain specific features of language with certain types of writing or styles. However, very few of them distinguished a variety (or register) from a genre. (...). Analyses of varieties of registers on their own reveal very little about the true nature of genres and about the way social purposes are accomplished in and through them in settings in which they are used. (:17-18)

Ventola (1983 e 1984) aponta para o fato de que as configurações genéricas lineares, como por exemplo as apresentadas neste artigo, não representam a natureza verdadeira das situações de interação, nem simulam a dinâmica do processo social (Ventola, 1984: 283). Como sugestão apresenta uma representação genérica de Encontros de Prestação de Serviços na forma de diagrama porque este formato tanto “*demonstra como os participantes criam o processo social*” (Ventola, 1983: 247), quanto “*gera estruturas textuais no stratum semiótico*” (:248), favorecendo, assim, uma análise contrastiva e mais próxima da realidade.

4. Considerações finais

Como se pode notar, os teóricos da área ainda não chegaram a um consenso claro e definitivo quanto ao estabelecimento das diferenças entre os termos registro e gênero. Mas as evidências apontam para uma forte tendência, por parte desses lingüistas, de relacionar gênero a aspectos mais amplos e generalizantes como características macro-estruturais ou padrões discursivos genéricos. Essa tendência justifica-se porque gênero é freqüentemente relacionado ao contexto da cultura (Beaugrande, 1993: 10; Ghadessy, 1993: 149-164). Já registro - diretamente ligado ao contexto da situação - associa-se a opções mais pontuais, léxico-gramaticais, na distinção entre um gênero e outro (*cf.* exemplo de análise de Halliday, 1992: 327-358, 1993: 01-25 e Halliday

& James, 1993: 32-66); configurando um estreito laço com a Linguística do Corpus (cf. Halliday in Ajmer & Altenberg, 1991: 30-43). Se pensarmos que o conceito de registro, apresentado neste artigo, está associado à gramática sistêmico-funcional - desenvolvida por Halliday – a qual levanta os aspectos lingüísticos de uso nas escolhas léxico-gramaticais, a distinção parece estar coerente.

Entretanto, não devemos deixar de lado a recomendação de Beaugrande (:07-25) quando chama a atenção para o fato de que a noção inicial de Halliday deve ser reavaliada e redefinida na sua máxima extensão (:21). Tendo essa idéia em mente, o autor apresenta, em seu artigo, questões para reflexão e sugestões quanto ao novo ponto de vista em relação ao conceito.

Leckie-Tarry (1993: 26-42) parece oferecer uma tentativa de distinção da definição de cada um dos termos. A fim de esclarecer as diferenças entre ambos, traça um histórico do uso dos termos e, finalmente, conclui que as diferenças são tênues e que estão mais ligadas à ênfase do que às intenções. Acrescenta ainda que, enquanto registro tende a enfatizar os padrões lingüísticos lexicais e sintáticos, gênero parece priorizar a estrutura contextual do discurso e a organização textual, pois:

The term 'register' tends to be the more neutral, generalized and embracing term, having a wider currency in the language teaching area, and a stronger historical basis. It tends to suggest a focus on the linguistic side of the text-context paradigm, on patterns of lexis and syntax rather than on discourse structure or textual organization, and on sections of discourse smaller than the whole text. 'Genre', in contrast, has the force of suggesting the priority of the context as a 'conventionalized occasion' over linguistic forms and patterns, the text as a complete event, with formalized organizational schemata. (:40)

A autora argumenta ainda que Halliday não dissocia registro do contexto, o autor utiliza o termo registro para

(...) encapsulate that relationship between texts and social processes. He employs 'genre' in a more limited sense, in the sense which has been common in literary discussions in the past. He sees 'generic structure' not as the embodiment of the text as social process, but as a single characteristic of a text, its organizational structure, 'outside the linguistic system'. (...). However, he sees it as a feature of all texts, even spontaneous conversation, and not as simply confined to literary texts. In other words, for Halliday, genre is a lower order semiotic concept; register the higher order semiotic concept, thus subsuming genre. The genre of a text, therefore, contributes to its register. He thus considers 'register', as he has defined it in the past, to be the concept which best represents the text-context relationship. (:30)

Vale a pena lembrar que as correntes teóricas discutidas são importantes e levam a resultados relevantes para a análise e interpretação da caracterização e da variação lingüística de um texto dentro de um contexto sócio-cultural (Leckie-Tarry, 1993: 40). Concordamos com Leckie-Tarry quando ressalta a questão do ponto de vista e da ênfase como principal diferença entre os termos. Cabe ao pesquisador optar por qual ponto de partida e linha de análise levará sua pesquisa adiante.

Quanto à aplicação desses construtos na ação pedagógica, tanto no âmbito materno como no ensino de língua estrangeira, ambos os conceitos parecem favorecer o aluno dado o aspecto holístico dessas abordagens. Contudo, no que se refere ao aprendiz de inglês como língua estrangeira¹², ele precisa ser sensibilizado quanto ao contexto social e à adequação de uso de língua para que possa prever o registro ou o gênero de uma prática comunicativa (Ventola, 1984: 276-279).

¹² Restringimos nossa observação ao aprendiz de inglês como língua estrangeira por este ser o campo de atuação da pesquisadora.

Por outro lado, o/a profissional de sala de aula não deve apoiar-se nelas como uma solução prescritiva, mas sim, como uma descrição clarificatória do uso de língua (Swales, 1990: 45; Bhatia, 1993a: 182) dentro de um contexto sócio-cultural comunicativo, ou seja, “*pattern seeking*” ao invés de “*pattern imposing*” como coloca Bhatia (:40) porque o processo do uso de uma língua é dinâmico, e registro e gênero devem refletir esse processo.

Outro aspecto a ser considerado é que, sendo a análise sócio-semiótica uma análise preocupada com o contexto social, aspectos ideológicos - que extrapolam características culturais e de ritual e que incluem diferenças hierárquicas e questões de poder - acabarão emergindo (Ongstad, 1992: 03-04), levando o educador a traçar diferentes níveis de conscientização e de aprofundamento, regulados segundo os objetivos, maturidade e grau de dificuldade de seus alunos.

Por fim, ressaltamos que o ensino através dessas abordagens não garante o sucesso comunicativo pleno de uma pessoa, mas o conhecimento de certas características do sistema e do uso de uma língua, bem como as implicações culturais inerentes a elas, pode favorecer tanto o desempenho e o sucesso pragmático, como o progresso na compreensão entre seres humanos originários de diferentes contextos sócio-culturais.

Recebido em: 08/1997. Aceito em: 11/1997.

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas pelo cuidado e detalhamento das sugestões que muito contribuíram para o desfecho deste artigo.

Referências Bibliográficas:

AJMER, K. & B. ALTENBERG (1991) *English corpus linguistics - studies in honour of Jan Svartvik*. London & New York: Longman.

- BEAUGRANDE, R. DE (1993) 'Register' in discourse studies: a concept in search of a theory. IN: M. GHADESSY (ed.) *Register analysis - theory and practice*. London: Pinter Publishers.
- BHATIA, J.K. (1993a) *Analysing genre: language use in professional settings*. (Applied Linguistics and Language Study). London & New York: Longman.
- _____ (1993b) Description to explanation in English for professional communication - application of genre analysis. IN: T. BOSWOOD, R. HOFFMAN & P. TUNG (eds.) *Perspectives on English for professional communication*. City of Polytechnic of Hong Kong.
- EGGINS, S. (1994) *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers.
- GHADESSY, M. (1993) On the nature of written business communication. IN: M. GHADESSY (ed.) *Register analysis - theory and practice*. London: Pinter Publishers.
- GREGORY, M. & S. CARROLL (1978) *Language and situation: language varieties and their social contexts*. London: Routledge & Kegan Paul.
- HALLIDAY, M.A.K. (1967/68) Notes on transitivity and theme in english. Parts 1, 2 & 3. *Journal of Linguistics*, **3.1**:37-81, **3.2**:199-244 & **4.2**:179-215.
- _____ (1973) *Explorations in the functions of language* (explorations in language study). IN: P. DOUGH and G. THORNTON (eds.) London & Illinois: Edward Arnold.
- _____ (1975) *Learning how to mean - explorations in the development of language* (explorations in language study). IN: P. DOUGH and G. THORNTON (eds.) Illinois: Edward Arnold.
- _____ (1976a) Estrutura e função da linguagem. IN: J. LYONS (ed.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- _____ (1976b) Modality and modulation in English. IN: G. R. KRESS (ed.) *Halliday: system and function in language*. Hong Kong: OUP.
- _____ (1978) *Language as social semiotic - the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold.
- _____ (1989) *Spoken and written language*. Oxford: OUP. Second Edition.

- _____ (1990) New ways of meaning: a challenge to applied linguistics. Paper presented to the 9th World Congress of Applied Linguistics, Thessaloniki-Halkidiki (Greece), 15-21 April 1990. Mimeo.
- _____ (1992) Some lexicogrammatical features of the zero population growth text. IN: W.C. MANN and S. THOMPSON (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analysis of a fund-raising text*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- _____ (1993): Quantitative studies and probabilities in grammar. IN: M. HOEY (ed.) *Data, description, discourse - papers on the English language in honour of John McH Sinclair on his sixtieth birthday*. London: HarperCollins.
- _____ (1994) *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. Second Edition.
- HALLIDAY, M.A.K. & R. HASAN (1989) *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Vic: Deakin University Press. Oxford: OUP. Second Edition.
- HALLIDAY, M.A.K. & Z.L. JAMES (1993) A quantitative study of polarity and primary tense in the English finite clause. IN: J. SINCLAIR, M. HOEY & G. FOX (eds.) *Techniques of description - spoken and written discourse - a festschrift for Malcolm Coulthard*. London and New York: Routledge.
- HASAN, R. (1989) The structure of a text. IN: M.A.K. HALLIDAY & R. HASAN (eds.) *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Vic: Deakin University Press. Oxford: OUP. Second Edition.
- LECKIE-TARRY, H. (1993) The specification of a text: register, genre and language teaching. IN: M. GHADESSY (ed.) *Register analysis - theory and practice*. London: Pinter Publishers.
- MALINOWSKI, B. (1967) *Coral Gardens and their magic, vol.2* London: Allen & Unwin, 1935. Reprinted as *The language of magic and gardening*. Indiana University Studies in the History and Theory of Linguistics. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.
- MARTIN, J.R. (1984) Language, register and genre. IN: F. CHRISTIE (ed.) *Children writing: reader*. Geelong, Vic: Deakin University Press.

- _____ (1985) Process and text: two aspects of semiosis. IN: J.D. BENSON & W.S. GREAVES (eds.) *Systemic perspectives on discourse, vol. I: selected theoretical papers from the 9th International Systemic Workshop*. Norwood, NJ: Ablex.
- MATTHIESSEN, C. (1993) Register in the round: diversity in a unified theory of register analysis. IN: M. GHADESSY (ed.) *Register analysis - theory and practice*. London: Pinter Publishers.
- ONGSTAD, S. (1992) The definition of genre and the didactics of genres. Paper to be presented at the Genre Colloquium, Ottawa, 1992. (Work in Progress)
- PALTRIDGE, B. (1994) Genre analysis and the identification of textual boundaries. *Applied Linguistics*, **15.3**: 287-299.
- SANTOS, V. B. M. P. DOS (1996) Padrões interpessoais no gênero de cartas de negociação. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. LAEL - PUC/SP.
- SINCLAIR, J. & M.COULTHARD (1992) Towards an analysis of discourse. IN: M. COULTHARD (ed.) *Advances in spoken discourse analysis*. London & New York: Routledge. Slightly version of Chapter 3 of Sinclair and Coulthard (1975).
- SWALES, J. (1990) *Genre analysis - English in academic and research settings*. Cambridge: CUP. Reprinting: 1991.
- _____ (1992a) Re-thinking genre: another look at discourse community effects. Carleton University, Ottawa. (Mimeo).
- _____ (1992b) Genre and engagement. (Mimeo) Paper presented at July, Nottingham.
- THOMPSON, S. (1994) Frameworks and contexts: a genre-based approach to analysing lecture introductions. *ESPJ*, **13. 2**:171-186.
- VENTOLA, E. (1979) The structure of casual conversation. *Journal of Pragmatics*, **3.4**.
- (1983) Contrasting schematic structures in service encounters. *Applied Linguistics*, **4**: 242-258.
- _____ (1984) Orientation to social semiotics in foreign language teaching. *Applied Linguistics*, **5**: 275-286.
- _____ (1987) *The structure of social interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. London: Pinter.

Valeria B. M. P. dos Santos is currently teaching ESP courses at PUC-SP and General English at FIEO-OSASCO/SP. Her research interests include discourse analysis for professional and academic usage. She is doing now her doctorate at PUC-SP which focuses on written discourse in the business field.